

EXISTIR COM O POVO

Jacques Maritain*

Desde que se trate das realidades da história humana, consideramos de bom grado as coisas do ponto de vista da ação e das idéias que dirigem a ação. É preciso também, e primeiramente, considerá-las do ponto de vista da existência; quero dizer que existe uma outra ordem, mais primitiva do que a da atividade social e política: é a ordem da comunhão de vida, de desejo e de sofrimento. Em outras palavras, convém reconhecer, distinta da categoria agir em favor de e agir com, a categoria existir com e sofrer com, que diz respeito a uma ordem de realidade mais profunda.

Agir em favor de pertence ao domínio do simples amor de benevolência. Existir com e sofrer com, ao domínio do amor de unidade. O amor dirige-se a um ser existente e concreto. Apesar do que diz Pascal, ele dirige-se às pessoas, não às "qualidades". O ser que eu amo, amo-o, tenha ele razão ou não; e aspiro existir com ele e sofrer com ele.

Existir com é uma categoria ética. Não é viver fisicamente com um ser ou da mesma maneira que ele; e não é somente amar um ser no sentido de querer-lhe bem; é amá-lo no sentido de fazer um com ele, carregar seu fardo, viver em convivência moral com ele, sentir com ele e sofrer com ele.

Se temos o amor desta coisa viva e humana, difícilíssima, sei-o bem, para se definir como todas as coisas humanas e vivas mas, porisso

* Há cinquenta anos (1937) Jacques Maritain redigia para o hebdomadário *Sept* as páginas luminosas cuja tradução SÍNTESE oferece aos seus leitores como homenagem ao grande filósofo cristão e insigne mestre espiritual. Não obstante as naturais referências à situação da época, trata-se de um texto no qual brilha aquela que Henry Bars denominou a *qualité supratemporelle* dos escritos de Maritain, o que torna mais profunda e decisiva a sua atualidade. Fonte: J. Maritain, *Oeuvres (1912-1939)*, ed. H. Bars, Paris, Desclée, 1975, p. 1033-1042. Tradução de H.C.L.V.

mesmo, mais real que se chama o povo, havemos de querer primeiro e primordialmente, existir com ele e sofrer com ele, e permanecer na sua comunhão.

Antes de "fazer-lhe o bem" ou de trabalhar para o seu bem; antes de fazer ou não fazer a política destes ou daqueles que invocam seu nome ou seus interesses; antes de pesar em consciência o bem ou o mal que é preciso esperar das doutrinas e das forças históricas que o solicitam e escolher entre elas ou talvez, em casos excepcionais, recusá-las conjuntamente-deveremos ter escolhido existir com ele e sofrer com ele, e fazer nossa sua pena e nosso o seu destino.

Classe, raça, povo

Entendidas enquanto afetam a consciência e os debates políticos da nossa época, a noção de classe é um noção sócio-econômica: a noção de raça (qualquer que seja seu valor científico, que considero fraquíssimo neste domínio) é uma noção sócio-biológica: nessas duas noções, e na segunda muito mais do que na primeira, o "social" se acha qualificado por um dos elementos inferiores que entram na sua constituição. A noção de povo é uma noção sócio-ética, sendo que o termo "ética" aqui apenas redobra sobre si mesmo, por assim dizer, o termo "social".

A palavra povo pode designar toda a multidão: pode designar as camadas inferiores da sociedade. Nem uma nem outra dessas duas definições corresponde exatamente ao senso que o povo tem de si mesmo. Se tomarmos por guia esse senso ou esse instinto, veremos sem dúvida que ele se refere a uma certa comunidade com limites flutuantes mais restrita do que toda a multidão, e designada por características mais interiores e mais tipicamente humanas do que "as camadas inferiores da sociedade". Sem dúvida o povo aparece, num sentido negativo, como a comunidade dos não-privilegiados; num sentido positivo acreditamos que ele seja, com a inevitável imprecisão de fronteiras que comporta esta expressão, a comunidade centrada sobre o trabalho manual — o que às vezes se chamam "as classes laboriosas" —, entendamos a comunidade constituída pela massa do trabalho manual, operário e camponês, e pelos diversos elementos que, de fato, se encontram moralmente e socialmente solidários com ela. Falando em comunidade digo, porisso mesmo, que o povo não se define somente por esta característica central da função do trabalho; mas também por um certo patrimônio histórico que a ela se encontra unido, de dores, de esforços e de esperanças — aqui intervem a dimensão do passado e da

memória —, e por uma certa vocação e um certo comportamento interior e moral — a dimensão da consciência intervem igualmente —, por uma certa maneira de compreender e viver o sofrimento, a pobreza, a pena e, antes de tudo, o próprio trabalho, e como um homem deve ajudar um outro ou corrigir um outro, contemplar a alegria e a morte, ser da massa anônima e ter nela o seu nome; por uma certa maneira de ser “sempre os mesmos que se deixam matar”.

As conotações do termo povo

*Creio que a idéia de povo, assim como se entende hoje (onde ela se entende nesse sentido ético-social, não racista) tem entre suas origens fontes cristãs e, se assim posso falar, “paroquiais”. É a idéia do “pequeno povo de Nosso Senhor”, a idéia do povo dos pobres a quem são prometidas as beatitudes e que goza de uma “eminente dignidade” na comunhão dos santos é esta idéia que, passando pouco a pouco da ordem espiritual onde ela tem seu lugar próprio para a ordem temporal, e despertando certas virtualidades desta, contribuiu para formar a idéia, desta vez ético-social e não mais religiosa, do povo trabalhador, que não é nem a idéia antiga (mais cívica e nacional) do *populus*, nem a da *plebs*.*

Decorreu daqui o que Augusto Comte teria denominado um “feliz equívoco” entre a imagem dos pobres, dos sofrendores, dos deserdados e a imagem do sólido trabalhador. Este equívoco pode ser exasperante e dar lugar a um sentimentalismo e a um romantismo de mau quilate, na medida em que a primeira imagem é considerada com uma categoria natural da sociedade, definida pela ternura ou pelo ressentimento que ela provoca. Mas permanece um equívoco bem fundado, no sentido de que o sólido trabalhador se encontra muitas vezes, de fato, sem herança e entregue a uma condição de pobreza (o que as classes médias conhecem hoje como o proletariado); e no sentido de que a massa dos homens é uma massa de condições de existência não privilegiadas (ou seja, no mundo atual, não somente de pobreza mas, em medida terrível, de miséria, de servidão e de opressão).

Depois disso, muitos outros fatores haveriam de intervir. No tempo do apogeu do capitalismo moderno e em virtude da atenção preponderante que ele devotava à estrutura econômica da sociedade, Marx bloqueou a noção de classe (proletariado) e a de povo, e tentou absorver a segunda na primeira. Vemos hoje que esta operação era artificial e contrária à natureza das coisas. Um valor social primário e de nível autenticamente humano não está preso nem à idéia de classe-nem (menos ainda) à de raça-mas à idéia mais ampla de povo.

Como observamos alhures, um ganho histórico importante foi obtido durante o século XIX, ou seja "a tomada de consciência da dignidade do trabalho e da dignidade operária, da dignidade da pessoa humana no trabalhador como tal. A tragédia do nosso tempo é a de que um ganho de ordem primeiramente espiritual como esse pareça solidário de um sistema ateu como o marxismo". De fato, mais ainda do que uma consciência de classe, o que assim se desenvolveu foi uma consciência da personalidade popular, e ele extravasa de muito os quadros históricos do marxismo. Aqui como em toda a parte a dimensão da consciência está ligada à dimensão do passado e da memória. Foi pelo lento trabalho do movimento operário em toda a sua complexidade histórica que se formou progressivamente, primeiro para o proletariado, depois, gradativamente, para os outros elementos que constituem o povo, a consciência de uma personalidade em devir, condição do desabrochar futuro de uma democracia personalista.

Uma escolha primordial

Acontece que em certos momentos críticos nos perguntamos: onde está verdadeiramente o povo? Como o católico, no tempo do grande cisma, poderia perguntar-se: onde está verdadeiramente a Igreja? A dificuldade prática de se discernir uma realidade não a suprime. Quem ama o povo sabe que o bem da cidade política ou da pátria, o bem do reino de Deus ou da Igreja podem pedir-lhe que se negue a acompanhar tais idéias e tais forças históricas que agem no povo, mas nunca lhe pedirão que rompa com a sua comunhão temporal e cesse de existir com ele: porque separados da existência com o povo, o bem comum da cidade política torna-se artificial e frágil, e a missão da Igreja (sua própria vida) inacabada.

Se as idéias e as forças históricas (algumas vezes são as piores) que, em determinado momento, exercem sua ação sobre o povo, são contrárias ao bem humano, lutarei contra elas e me esforçarei por mudá-las. Mas nem por isso deixarei de existir com ele, se escolhi primeiramente existir com ele.

E por que teria eu escolhido existir com ele? Porque (e isto do lado das conotações religiosas e cristãs) é primeiramente a ele que o Evangelho deve ser levado porque é ele que o Cristo amava. O sinal próprio do Cristo é o de que os pobres sejam evangelizados. E como evangelizar aquele com o qual não se existe e não se sofre? O que o vocabulário sagrado denomina "as multidões" das quais o Cristo tinha compaixão, são "as massas" no vocabulário profano e temporal.

Além do mais, e isso do lado da conotação ético-social, por grande que possa ser nele o mal e o descaminho, o povo é a grande reserva de espontaneidade vital e de não-farisaísmo. O próprio fato, o fato quantitativo que é a massa tem importância aqui, pois é na massa que a vida lança suas raízes.

Enfim, no momento presente da história do mundo o povo é também, e isso no seu próprio movimento de acesso à sua maioria histórica, a reserva carnal de uma nova civilização. Ou a civilização repousa sobre a escravidão das massas, ou é necessário que ela esteja em continuidade com seu movimento.

Existir e sofrer com o povo

Sendo Reino de Deus no estado "peregrinal e crucificado", encarregada não de gerir as coisas temporais mas de conduzir os homens à verdade sobrenatural e à vida eterna, a Igreja como tal, na sua vida e na sua missão espiritual, existe com o povo e sofre com o povo e não pode existir senão com ele. Se compreendêssemos mais profundamente o mistério da Igreja compreenderíamos que, por entre as vicissitudes das coisas temporais, o que ela busca e pede antes de tudo é não ser separada do povo. Tudo, de preferência a esta separação monstruosa! Porque ela quer dar ao povo o sangue vivificador de Jesus Cristo.

Aqui acontece o jogo do diabo. Não somente no espírito dos inimigos da Igreja, mas no de certo número dos seus amigos (sobretudo daqueles que, sem ser católicos, pretendem "defender o catolicismo" — por amor de outra coisa do que da boa nova de Jesus Cristo), o Mentiroso muda esta vontade da Igreja, esta vontade evangélica, esta vontade eclesial, esta vontade santa, na ilusão exatamente contrária e perniciosamente contrária, de uma vontade política, de uma vontade clericalista, de uma vontade ímpia de dominar sobre o povo por meio da Igreja. Mas, vividas ou pensadas, as ilusões não duram; e as portas do inferno, sejam elas de esquerda ou de direita, não prevalecerão contra a Igreja.

A ordem própria da Igreja é a ordem do espiritual. Na ordem do temporal pede-se aos cristãos como membros da cidade terrena, existir com o povo e sofrer com ele, digo-o em vista dos fins temporais da história humana, e para trabalhar com ele para o crescimento dessa história.

É claro que para cada cristão individualmente não há uma obrigação moral "de existir com o povo" no sentido em que entendemos aqui esta expressão; estatuir uma semelhante obrigação seria misturar os planos, confundir o religioso e o social, o espiritual e o temporal. Mas afirmo que, se de um modo coletivo e na maioria dos casos as formações temporais de denominação cristã deixam de existir assim com o povo, uma desordem profunda e que custa caro se introduz no mundo.

Lembrou-se muitas vezes e com muita justiça, a palavra de Pio XI sobre o "grande escândalo do século XIX". A classe operária se afastou da Igreja porque o mundo cristão se tinha afastado da classe operária. Para que o povo exista com o Cristo é necessário que os cristãos existam com o povo.

O que, notadamente na França, autoriza a esperança temporal, é que católicos cada vez mais numerosos compreendem estas coisas. Para não falar senão de algumas realizações particularmente notáveis, a J.O.C. e a J.A.C., os sindicatos cristãos existem com o povo, na ordem da vida temporal e terrestre, da vida de civilização. O mesmo acontece com muitos intelectuais cristãos, sobretudo entre a juventude. Esse progresso da consciência cristã é favorecido pelos encorajamentos e pelas diretrizes de eminentes autoridades espirituais.

A força dos socialistas e comunistas vem menos da sua ideologia do que do fato de que eles existem com o povo. Acreditam facilmente que para existir com o povo é preciso ligar-se a eles. Pode-se existir com o povo sem se ligar a eles. Mas quem quer na existência substituir aos erros da ideologia deles uma visão justa das coisas, deve primeiramente existir com o povo. Para aplicar eficazmente a doutrina social das encíclicas há uma condição preliminar, é existir com o povo.

A fraqueza de muitos movimentos políticos improvisados vem do fato de que eles não preenchem esta condição preliminar. Não falo aqui do fato de recrutar no povo aderentes mais ou menos numerosos; falo de alguma coisa bem mais profunda, e que se realiza primeiramente no interior da alma, como procurei explicar acima. A tragédia de um Mussolini está em que a fim de agir em favor do povo (porque este homem amou o povo, esse povo tão cheio de virtudes que é o povo da Itália) ele deixou de existir com o povo. Agora, ele só existe com o Estado.

Ação política e comunhão

Evidentemente, é normal que existindo com o povo ajamos politicamente e socialmente com ele e em seu favor, e nos esforcemos por desenvolver nele forças históricas orientadas para uma justa transformação do regime temporal. Em outro lugar insistimos longamente sobre a importância que teriam, desde este ponto de vista, novas formações políticas de inspiração vitalmente cristã. Em todo o caso, é preciso colaborar segundo o espírito do Evangelho com as preparações de uma nova ordem. Não se pode permitir que o mundo se divida entre duas massas inimigas que representam, em definitivo, dois sintomas opostos de um mesmo mal, e que no seu irremediável conflito causariam a ruína da civilização. É necessário uma terceira solução.

Mas, se acontecesse a desgraça? Na nossa opinião, tal desgraça teria as proporções e a significação de uma catástrofe do político, quero dizer de uma momentânea substituição das fatalidades desencadeadas e da loucura coletiva (da terrível loucura do ódio e do medo) a todo valor político e a toda vida política propriamente dita. Para aqueles que se vissem assim em presença de uma catástrofe do político e que (não seriam muitos) dela tomassem consciência, cessaria portanto nesse momento, apesar deles e como por violência, a ordem das atividades políticas. Ficaria a ordem das atividades evangélicas; e então despertariam neles, solicitadas pelo acontecimento, as virtualidades de alguma maneira sacerdotais que a graça do Cristo deposita em cada um. É às atividades de ordem evangélica e "sacerdotal" que eles se devotarão, ao serviço do próximo, às obras de Antígona que, apesar de tudo, dão testemunho ao amor e à piedade fraterna, e que fazem entrar fundamentalmente na comunhão, e que exigem, tanto quanto as obras políticas, que se arrisque a própria vida e que se dê a própria vida. Para o pequeno número do qual falamos, seria sempre existir com o povo e sofrer com o povo, mas agindo com ele somente no plano evangélico e quase sacerdotal, recusando a atividade política, isto é a loucura que tomou seu lugar, porque eles seriam forçados a esta recusa por uma espécie de imperiosa objeção de consciência.

Esse caso é um caso limite ou mesmo inteiramente teórico. Ainda uma vez, é preciso tudo fazer para evitar ser a ele reduzido. É preciso trabalhar politicamente com generosidade e boa vontade tanto maiores quanto mais se está disposto a afastar uma catástrofe do político. Tanto mais que as duas massas inimigas das quais há pouco falávamos e que a linguagem corrente, que certamente não é uma lin-

guagem filosófica, designa com os nomes muito pouco decantados de "facismo" e "comunismo" estão longe de representar a totalidade das forças vivas da nossa civilização e das reservas humanas de que esta dispõe. Uma terceira solução (que na nossa opinião deve ser buscada no sentido de um humanismo integral, isto é aberto ao sobre-humano) é possível e cedo ou tarde se imporá.